



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

SUANDERSON BORGES LOPES

GUERRA FRIA: um olhar soviético sobre o conflito entre os anos 1945 a 1962

**JOÃO PESSOA
2018**

SUANDERSON BORGES LOPES

GUERRA FRIA: um olhar soviético sobre o conflito entre os anos 1945 a 1962

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Relações Internacionais.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Paula Maielo Silva.

JOÃO PESSOA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L864g Lopes, Suanderson Borges.
Guerra fria [manuscrito] : um olhar soviético sobre o conflito entre os anos 1945 a 1962 / Suanderson Borges Lopes. - 2018.
30 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Paula Maielo Silva ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. União Soviética. 2. Guerra Fria. 3. Conflito internacional.
21. ed. CDD 327.16

SUANDERSON BORGES LOPES

GUERRA-FRIA: UM OLHAR SOVIÉTICO SOBRE O CONFLITO ENTRE OS ANOS
1945 A 1962

Monografia apresentada ao Curso de
Relações Internacionais da Universidade
Estadual da Paraíba.

Aprovado(a) em 21 / 06 / 2018.

Ana Paula Maielo Silva

Ana Paula Maielo Silva/UEPB
Orientador(a)

Dmitri Felix do Nascimento

Dmitri Felix do Nascimento/UEPB
Examinador(a)

Freitas

Jeane Silva de Freitas/UFPE
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer a qualquer força superior que possa ter nos colocado nesse mundo e que talvez esteja sempre nos olhando a cada passo e avanço de nossas vidas.

Também gostaria de agradecer ao corpo docente da UEPB, sem vocês nada disso poderia estar acontecendo agora. Muito obrigado por me orientar durante essa longa jornada, foram vários aprendizados acadêmicos e de vivência. Gostaria de agradecer em especial a minha professora orientadora por ser tão paciente e sempre que possível tentar encaixar os horários de reunião aos meus, muito obrigado por me fazer acreditar no realismo e liberalismo, depois no neo-realismo e neo-liberalismo e depois me fazer desacreditar em tudo com o construtivismo. Sem a sua aula de “A anarquia é o que os Estados fazem dela” esse trabalho jamais seria possível.

Gostaria de agradecer também ao professor Dimitri que me ajudou quando eu mais necessitava, suas indicações textuais foram indispensáveis para o meu trabalho, e também, agradecer a professora Jeane por ter me dado a honra de ser monitor da sua cadeira, a senhora é um ser humano incrível.

Meu muito obrigado aos meus pais por me darem apoio a não sair do curso nas horas mais difíceis e por me possibilitar dedicação total aos estudos, mesmo com todas as dificuldades.

Agradecer também a todos os colegas de turma que fizeram as minhas noites/manhãs tão especiais, em especial ao clube dos cinco (Ana Clara, Idayane, Monique e Ramon) vocês são demais. Como também a Diego, Mayane, Millena, Jordy e Renato por sempre estarem presentes nos momentos tristes e alegres do campus V.

Um agradecimento mais que especial a minha namorada Ana Clara Rodrigues da Silveira, que provavelmente não irá gostar por eu ter posto seu último nome, obrigado pela paciência, ajuda e inspiração, você é o ser humano mais precioso que eu encontrei no Sistema Internacional.

E por fim, agradecer a mim mesmo por sempre ter confiança e dedicação e saber que a jornada foi longa, mas o mérito de superação é maior por ter me dedicado sempre.

“Lênin continua a viver nas mentes e corações de milhões de pessoas”. (GORBACHEV, 2000, p. 25).

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
2	DESENVOLVIMENTO.....	10
2.1	Do fim da Segunda Guerra Mundial ao desencadeamento da Guerra Fria (1945 – 1947).....	10
2.2	Iniciativas no leste europeu: constrição estadunidense (1947 – 1949).....	15
2.3	Das divergências a tentativa de coexistência pacífica (1950 – 1962).....	18
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS	28

GUERRA FRIA: um olhar soviético sobre o conflito entre os anos 1945 a 1962

Suanderson Borges Lopes¹

RESUMO

O presente artigo busca fazer uma análise introdutória acerca da Guerra Fria no período referente à 1945-1962 à luz da narrativa soviética, buscando, ainda, destacar a sua importância para o desenvolvimento e análise do Sistema Internacional no período da Guerra Fria. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral apresentar os acontecimentos da Guerra Fria em linha cronológica a partir da perspectiva soviética, demonstrando a importância de se analisar esse conflito sob outra ótica que não a estadunidense, de modo a compreender como essa análise unilateral do conflito pode ter gerado entendimentos equivocados para o Sistema Internacional sobre a União Soviética. Busca-se, aqui, atingir os seguintes objetivos específicos: (i) apontar os acontecimentos em ordem cronológica da Guerra Fria a partir de 1945; (ii) examinar as suspeições e inconsonâncias da perspectiva soviética do conflito supracitado e (iii) apresentar as modificações a partir do ponto de vista soviético dos acontecimentos da Guerra Fria do período entre 1945 à 1962. De caráter exploratório, com método dedutivo e a partir da análise textual, temática e interpretativa, a pesquisa decorre de uma metodologia centrada em revisão bibliográfica, por isso, teórico-bibliográfica, com vistas tanto em periódicos, quanto em fontes primárias.

Palavras-Chave: União Soviética. Guerra Fria. Conflito Internacional.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Guerra Fria foi um confronto político-ideológico – militar em menor escala² – entre as duas potências que configuravam a bipolaridade do sistema internacional durante 44 anos (1947-1991). Os Estados Unidos representavam o bloco capitalista e representavam no seu discurso a “democratização” do cenário internacional. Já a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) representava o bloco comunista e almejava uma possível igualdade entre os indivíduos.

¹ Aluno de Graduação em Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba – Campus V.
Email: suanderson_2006@hotmail.com

² Menor escala é referenciado diretamente a não confrontação direta entre as duas grandes potências da época, não implica que não houve confronto no Terceiro Mundo.

Concernente a análise desse acontecimento na esfera internacional, algumas críticas podem ser tecidas, uma delas é por que a narrativa do lado capitalista que saiu como grande vitorioso da guerra tem espaço preponderante na área acadêmica? ainda mais se tratando da guerra supracitada, na qual todos os textos que são avaliados na academia são estadunidenses ou de vertentes que corroboram com o pensamento capitalista e/ou estadunidense, ressaltando-se, principalmente, o fácil acesso da narrativa estadunidense no ocidente, por questões culturais e até linguísticas. O estudo em tela tem o objetivo de dar voz e importância a autores soviéticos ou que compactuam com os preceitos para, a partir disso, poder analisar a Guerra Fria sob uma ótica diferente da narrativa capitalista.

Vale ressaltar que o intuito do presente artigo não é tecer uma comparação entre as duas esferas do conflito, mas sim, trazer um ponto de vista pouco abordado sobre esse conflito, qual seja, a análise do conflito a partir da perspectiva soviética. Ressalva-se que os autores utilizados na pesquisa coadunam com a perspectiva supracitada, já que não foram utilizados apenas autores russos, mas também, autores que compactuam com a análise soviética. Deve-se entender, também, que o recorte temporal utilizado no trabalho tem como objetivo fazer uma análise mais sucinta do período referente, como também, elucidar a Guerra Fria até um dos períodos mais relevantes dela, qual seja, a crise dos mísseis.

Deve-se atentar que, Segundo Stone; Kuznicv (2015), até mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, na qual os Estados Unidos saíram como grandes vitoriosos, a Alemanha perdeu mais de seis milhões de homens na luta contra os soviéticos e mesmo que ainda subsista o mito de que os Estados Unidos venceram a Segunda Guerra Mundial, importantes historiadores concordam que foi a União Soviética e toda a sua sociedade, incluindo Josef Stálin, que, por meio do absoluto desespero e heroísmo incrivelmente histórico, forjaram a grande narrativa da Segunda Guerra Mundial: a derrota da monstruosa máquina de guerra alemã.

A partir dessa perspectiva faz-se necessário a análise dos conceitos de imagem e perspectiva no sistema internacional. Segundo Hobsbawn (1995), os países que saem vitoriosos da guerra é que escrevem a história. Nesta perspectiva /pode-se tomar emprestado o conceito de imagem a partir do ponto de vista de Orwell

A imagem pode ilustrar o conceito orwelliano de impessoa, inimigos políticos que, uma vez vaporizados, nunca haviam de fato existido, havendo necessidade de apagá-los de qualquer forma de registro, em escritos ou em imagens. “O passado era raspado, esquecida a raspagem, e a mentira tornava-se verdade” (ORWELL, 2003, p. 76).

Ademais, pode-se analisar os meios utilizados pelos Estados Unidos para difundir seu pensamento no âmbito internacional por meio de notícias incisivas que denegriam a imagem

da União Soviética. O inimigo estadunidense passava a ser inimigo da democracia e dos Estados livres, a própria história pode ser maleável por meio da difusão de uma “verdade” que é tida como absoluta. Segundo Vicente (2005), a adulteração de jornais e documentos asseguram a regularidade na ideologia militar, tornando a História, assim, maleável e manipulável conforme as necessidades do Estado.

Como meio de difusão da perspectiva estadunidense do conflito, os meios de comunicação tiveram um forte papel na guerra, senão o mais importante, já que a partir deles houve uma grande migração de Estados para o bloco capitalista, segundo Vizentini (2005), foi a partir da disseminação por parte dos Estados Unidos da existência de um comunismo agressivo que desmobilizou a opinião pública ocidental e possibilitou a entrada da Dinamarca, Noruega e Islândia na OTAN.

Se os meios de comunicação demonstraram a capacidade de influência dos fluxos de informação até este ponto de nosso estudo, podemos entender a estrutura social e cultural como outra forma de perpetuação de conceitos, expansão de comunicação interpessoal sem a necessidade de veículos (meios) para tal. (VICENTE, 2005, p. 94)

Nesta acepção, o presente artigo busca fazer uma análise introdutória acerca da Guerra Fria no período referente à 1945- 1962 à luz da narrativa soviética, buscando, ainda, destacar a sua importância para o desenvolvimento e análise do Sistema Internacional no período da Guerra Fria. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo geral apresentar os acontecimentos da Guerra Fria em linha cronológica a partir da perspectiva soviética e demonstrar a importância de se analisar esse conflito de outra ótica que não a estadunidense e de como essa análise unilateral do conflito pode ter gerado entendimentos equivocados para o Sistema Internacional sobre a União Soviética. De caráter exploratório, com método dedutivo e a partir da análise textual, temática e interpretativa, a pesquisa decorre de uma metodologia centrada em revisão bibliográfica, por isso, teórico-bibliográfica, com vistas tanto em periódicos, quanto em fontes primárias. Busca-se, aqui, atingir os seguintes objetivos específicos: (i) apontar os acontecimentos em ordem cronológica da Guerra Fria a partir de 1945; (ii) examinar as suspeições e inconsonância da perspectiva soviética do conflito supracitado e (iii) apresentar as modificações a partir do ponto de vista soviético dos acontecimentos da Guerra Fria do período entre 1945 à 1962.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Do fim da Segunda Guerra Mundial ao desencadeamento da Guerra Fria (1945 – 1947)

Inicialmente, ao analisar a Guerra Fria de uma perspectiva soviética não necessariamente será restrita a apenas um âmbito, pois, um dos erros mais recorrentes ao falar sobre Guerra Fria, segundo Vizentini (2005), é restringir o conflito apenas a uma disputa ideológica, uma mera luta pelo poder entre as super potências ou unicamente estabelecer um “culpado” do conflito supracitado. Desse modo, a análise presente se restringe a apenas analisar de uma única perspectiva, mas não apenas de uma única esfera ou âmbito do conflito.

Conforme explicitado por АлександрШубин³ (2008), o início imediato da Guerra Fria foi associado aos conflitos existentes na Europa e na Ásia, que sucederam a Segunda Guerra Mundial, conseqüência da qual os países que compunha a mesma, e principalmente os países europeus, saíram devastados. Desse modo, os Europeus tinham bastante interesse no desenvolvimento industrial acelerado⁴ da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), principalmente para haver a tentativa de recuperação econômica na pós-Segunda Guerra Mundial, decorrente do fato de que a União Soviética se manteve positiva nos âmbitos econômicos e sociais mesmo sendo o país com mais baixas durante a Guerra supracitada. As informações sobre uma União Soviética resistente e industrializada foram idealizadas e milhões de cidadãos europeus esperavam que houvesse a substituição de um sistema capitalista que passava por tempos difíceis para um sistema socialista que pudesse permitir a restauração rápida da economia e de uma vida social digna.

Os povos da Ásia e da África estavam ainda mais interessados na experiência comunista e na assistência dada pela URSS. Esses povos lutaram pela independência e esperavam alcançar o Ocidente também, como fez a URSS. Como resultado, a esfera de influência soviética começou a se expandir rapidamente, o que causou temores aos líderes dos países ocidentais - ex-aliados da URSS na Coalizão Anti-Hitler.⁵(АлександрШубин, 2008).

Vale ressaltar que com o fim da Segunda Guerra Mundial, segundo Stone e Kuznick (2015), Houve um breve momento em que os Estados Unidos encontravam-se em posição de preponderância, sozinho, entre os vencedores⁶. Entretanto, embora devastada por ser o centro de duas guerras mundiais a Europa tentava se reconstruir dessa adversidade.

³ Alexander Shubin

⁴ Durante grande parte da Guerra Fria a União Soviética era o maior produtor mundial de aço, matérias-primas, combustíveis, energia. Também era um dos maiores produtores de grãos para alimentação, possuía o maior número de médicos e leitos hospitalares para cada 1.000 habitantes. (GORBACHEV, p. 20, 1987).

⁵ Ещебольшийинтерес к коммунистическомуопыту и помощи СССР был у народовАзии и Африки. боровшихсязанезависимость и надеявшихсядогнатьЗападтакже, какэтосделал СССР. В результатесоветскаясферавлияниясталабыстрорасширяться, чтовызвалоопасениялидеровстранЗапада – бывшихсоюзников СССР поАнтигитлеровскойкоалиции.

⁶ O número de mortos dos Estados Unidos foi de 405 mil pessoas, em comparação com os 27 milhões de pessoas mortas da URSS.

Na França, o Partido Comunista, que tinha meio milhão de membros e lutara corajosamente na resistência aos nazistas, obteve 26% dos votos, em 1945. Na Itália, 1,7 milhões de pessoas se juntaram ao Partido Comunista Italiano. Mesmo na Grã-Bretanha, as pessoas, exaustas e arruinadas como resultado de duas guerras mundiais, estavam de forma atípica se virando para o Estado para tornar tolerável sua vida. (STONE; KUZNICK, 2015, p.149)

Um dos momentos mais evidentes de uma possível coalizão entre os Estados Unidos e a União Soviética foi a promessa estadunidense feita pelo presidente Roosevelt⁷ de fornecimento de crédito norte-americano para reconstrução soviética. “No entanto, Harry Truman⁸, presidente que sucedeu Roosevelt, não mostrou a mesma habilidade de Roosevelt, quando mudou de conduta, num momento de máximo poder norte-americano, favorecendo cada vez mais os britânicos” (STONE; KUZNICK, 2015, p.150).

Uma análise posterior e que demarca um clima mais competitivo do início da Guerra Fria pode ser enxergado na Conferência de Potsdam (Julho/Agosto de 1945), conforme dito por Vasconcellos e Mansani (2013), os três aliados contra o fascismo internacional – Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética, se encontraram em uma conferência na cidade alemã que deu nome à conferência. Os três Estados apresentaram um diferente quadro de representantes em comparação ao fim da Segunda Guerra Mundial. Roosevelt já havia falecido, e em seu lugar estava o novo presidente dos EUA⁹, Harry Truman; a Inglaterra continuava representada por Churchill¹⁰, embora posteriormente tenha sido substituído por Clement Attlee¹¹, para quem perdera o posto de primeiro-ministro da Inglaterra, e Stalin¹² permanecia como representante da URSS.

⁷ Há noventa anos, mais precisamente em 16 de Julho de 1918, Franklin Delano Roosevelt chegou aos Açores para uma breve escala na sua viagem a caminho da Europa. Na altura subsecretário de Estado da Marinha dos Estados Unidos da América, Franklin Roosevelt tornar-se-ia, poucos anos depois, uma das personagens cimeiras da História mundial do século XX. Eleito para a Presidência dos Estados Unidos em 1932, num período particularmente crítico de crise económica e financeira, Roosevelt acabou por liderar aquele País durante doze anos – facto único na história dos Estados Unidos – sendo sucessivamente reeleito em 1936, 1940 e 1944. Com a sua sagacidade política, o seu carisma, a sua proverbial simpatia, Roosevelt conduziu o País nos anos tumultuosos da II Guerra Mundial, vindo a falecer no exercício de funções, a 12 de Abril de 1945. (RODRIGUES, Franklin Roosevelt e as ações nas duas guerras mundiais, 2008)

⁸ Harry S. Truman foi o 33º presidente dos Estados Unidos. O último running mate de Franklin D. Roosevelt em 1944, Truman chegou à presidência em 12 de abril de 1945 após a morte de Roosevelt.

⁹Estados Unidos da América

¹⁰Winston Leonard Spencer-Churchill foi um político conservador e estadista britânico, famoso principalmente por sua atuação como primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi primeiro-ministro britânico por duas vezes

¹¹Clement Richard Attlee, 1.º Conde Attlee (Putney, 3 de janeiro de 1883 – Londres, 8 de outubro de 1967) foi político inglês e primeiro-ministro do Reino Unido entre os anos de 1945 e 1951

¹² Governante futuro da União Soviética e um dos ditadores mais poderosos da história da humanidade, nasceu em dezembro de 1878 na pequena cidade georgiana de Gori na família de um ex-servo, um sapateiro Vissarion Djughashvili. Sua infância e juventude foram muito tempestuosas. Em 1888, os pais matricularam o pequeno Joseph em uma escola espiritual local. Ele se formou com honras em 1894, logo após ingressou no Seminário Ortodoxo Tiflis. Por volta de 1896, Joseph juntou-se ao círculo marxista em segredo e, em 1898, ingressou na organização ilegal dos marxistas georgianos "Messameh-dasi". No mesmo ano, Djughashvili foi expulso do

Sob a ótica de Vizontini (2005), aquela conferência havia sido diferente das conferências ocorridas anteriormente no pós-Segunda Guerra Mundial, exatamente pela presença de Truman na representação dos Estados Unidos, quem defendia uma posição bastante rígida em relação à União Soviética, informando a Stalin sobre a existência da bomba atômica, sem precisar o seu potencial. Essa atitude foi referente ao fato do *grupo do bombardeio estratégico*¹³ ter passado a dominar o pentágono e a manter o presidente Truman sob sua influencia, desde o momento em que a bomba “A”¹⁴ entrou em cena. O General Groves que foi o principal responsável pelo projeto Manhattan (produção da bomba “A”), e, afirmara em 1942 – período em que os EUA e a URSS mantinham aliança – que aquela bomba seria uma importante arma contra a União Soviética. Vale ressaltar que segundo Vizontini (2005), nesse mesmo ano, Churchill elaborou seu *memorandum secreto*, no qual afirmou que assim que o Eixo deixasse de ser uma ameaça, os aliados anglo-saxões deveriam considerar que a URSS era o verdadeiro inimigo.

As bombas atômicas lançadas sobre um Japão à beira da rendição eram militarmente desnecessárias. Foram, na verdade, uma demonstração de força diante dos soviéticos e dos movimentos de libertação nacional que amadureciam na China, Coréia e países do Sudeste Asiático, bem como uma intimidação à esquerda europeia e à agitação no mundo colonial. (VIZENTINI, 2005)

Segundo Stone e Kuznick (2015), a União Soviética, depois de protagonizar o esforço antifascista e, naquele momento, possuindo o maior exército do mundo, provocava calafrios em alguns oficiais estadunidenses. A partir desses fatos, no início de 1946 uma pesquisa de opinião pública descobriu que 26% dos estadunidenses achavam que os soviéticos buscavam a dominação mundial e 13% achavam isso em relação aos britânicos.

Destarte, conforme a literatura russa consultada, um dos pontos desencadeadores da chamada “Guerra Fria” foram os discurso proferidos, principalmente por Churchill e, posteriormente, por Stálin.

Em 5 de março de 1946, falando na presença do presidente dos Estados Unidos Truman em Fulton, W. Churchill acusou a URSS de implantar a expansão mundial ofensivamente no território do "mundo livre". Churchill chamou o "mundo anglo-saxão", isto é, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e seus aliados para repelir a URSS. O discurso em Fulton tornou-se uma espécie de anúncio da "guerra fria"¹⁵(АлександрШубин, 2008)

seminário porque não compareceu ao próximo exame. Então ele foi trabalhar em um observatório físico e mergulhou de cabeça em atividade revolucionária. (ИванГрозный–ПетрПервый–ИосифСталин)

¹³ Esse grupo refere-se diretamente aos desenvolvedores da Bomba Atômica e aos especialistas que tinham o objetivo de desenvolver uma estratégia de utilização da mesma

¹⁴ Referente a Bomba Atômica

¹⁵ 5 марта 1946, выступая в присутствии президента США Трумэна в Фултоне, У.Черчилль обвинил СССР в развертывании мировой экспансии, в наступлении на территорию «свободного мира». Черчилль призвал

Churchill também disse que os partidos comunistas ou as quinta-colunas¹⁶ constituem um grande desafio e um perigo para a civilização cristã, e ademais, disse que não acreditava que a Rússia soviética desejava a guerra e sim os frutos dela, quais sejam, a expansão indefinida do seu poder e, também, da sua doutrina.

Desde Stettin, em el Báltico, a Trieste, em el Adriático, ha caído sobre el continente um telón de acero. Tras él se encuentran todas las capitales de los antiguos Estados de Europa central y Oriental (...), todas estas famosas ciudades y sus poblaciones y los países en torno a ellas se encuentran em lo que debollamar la esfera soviética, y todos están sometidos, de una manera u otra, no sólo a la influencia soviética, sino a una altísima y, em muchos casos, creciente medida de control por parte de Moscú (...) Por ‘cuanto he visto de nuestros amigos los rusos durante la guerra, estoy convencido de que nada admiran más que la fuerza y nada respetan menos que la debilidad (...) Es preciso que los pueblos de lengua inglesa se unan com urgencia para impedir a los rusos toda tentativa de codicia o aventura¹⁷. (Discurso de Churchill no *Westminster College*, Fulton, Missouri, em 5 de março de 1946. disponível em: Guerra Fria: a partir de los discursos de sus protagonistas)

Segundo Stone e Kuznick (2015), esse discurso pode ser analisado como um avanço espetacular na beligerância contra a União Soviética, havendo grande apoio estadunidense e dos países ocidentais, mas também gerando grande revolta na URSS. Visivelmente descontente, Stálin teceu uma crítica a Churchill, acusando-o de estar ao lado dos “fomentadores da guerra” que seguiam a “teoria racial” de que apenas os anglófonos podiam “decidir o destino do mundo”

(...) Churchill está tomando ahora el camino de los belicistas, y en este Churchill no está solo. Él tiene amigos no sólo em Gran Bretaña, sino también en Estados Unidos Una puntualización debe ser hecha com respecto a Churchill y sus amigos, pues tiene um impresion ante parecido a Hitler y sus amigos (...) Churchill parece haber desencadenado una guerra com su teoría sobre la raza, afirmando que sólo las naciones de habla inglesa son naciones superiores, y que ellas están llamadas a decidir los destinos del mundo entero (...)¹⁸ (Discurso de Stálin em resposta à Churchill em 13 de

«англосаксонский мир», то есть США, Великобританию и их союзников даютьпор СССР. Речь в Фултонесталасвоеобразнымобъявлением «холоднойвойны»

¹⁶ Quinta-coluna é uma expressão usada para se referir a grupos clandestinos que atuam, dentro de um país ou região prestes a entrar em guerra (ou já em guerra) com outro, ajudando o inimigo, espionando e fazendo propaganda subversiva, ou, no caso de uma guerra civil, atuando em prol da facção rival. Por extensão, o termo é usado para designar todo aquele que atua dentro de um grupo, praticando ação subversiva ou traiçoeira, em favor de um grupo rival. (*Dicionário Houaiss*. Verbete: "quinta-coluna".)

¹⁷ De Stettin, no Báltico, a Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro desceu através do continente. Atrás dela estão todas as capitais dos antigos estados da Europa Central e Oriental (...), todas essas cidades famosas e suas populações e os países ao seu redor estão no que eu chamaria de esfera soviética, e todos são submetido, de uma forma ou de outra, não apenas à influência soviética, mas a uma medida muito alta e, em muitos casos, crescente de controle por parte de Moscou (...) Pois 'tanto quanto eu vi de nossos amigos, os russos, durante o guerra, estou convencido de que nada mais admira que a força e nada menos que a fraqueza (...) É necessário que os povos de língua inglesa se unam urgentemente para impedir os russos de qualquer tentativa de ganância ou aventura.

¹⁸(...) Churchill está agora tomando o caminho dos belicistas, e este Churchill não está sozinho. Ele tem amigos não apenas na Grã-Bretanha, mas também nos Estados Unidos. Um ponto deve ser feito em relação a Churchill e seus amigos, pois ele tem uma impressionante semelhança com Hitler e seus amigos (...) Churchill parece ter

março de 1946. disponível em: Guerra Fria: a partir de los discursos de sus protagonistas).

Mesmo com a ciência dos soviéticos de que os Estados Unidos estavam guinados por uma política totalmente direitista pelo governo Truman, ainda esperavam manter a aliança do tempo da guerra e desse modo, conforme análise de Stone e Kuznick (2015), agiram para conter seus aliados comunistas na China, na Itália, na França e na Grécia.

2.2 Iniciativas no leste europeu: constrição estadunidense (1947 – 1949)

Posteriormente, as iniciativas tomadas pelos dois blocos dominantes do cenário internacional serviram como um meio de disputa e equilíbrio do poder dentro da Europa. Segundo АлександрШубин (2008), no ano de 1947, o secretário de Estado dos EUA, George Marshall¹⁹, disse que os Estados Unidos estão prontos para oferecer assistência material aos países europeus para a recuperação econômica. Inicialmente, até mesmo a URSS se juntou às negociações para a prestação de assistência, mas logo ficou claro que a ajuda estadunidense não seria dada aos países em que os comunistas governavam. Na ótica de Vizentini (2005), o plano propunha o aprofundamento da divisão do trabalho entre uma Europa Ocidental industrial e o Leste agrário do continente. Desse modo, a URSS e os governos sob influência recusaram-se a aceitar esta ajuda, percebendo-a como uma invasão econômica, que seria responsável pela perda do poder no Leste Europeu (essa abertura econômica reforçaria as enfraquecidas burguesias dessa área).

Os EUA exigiam concessões políticas: os europeus tinham que manter as relações capitalistas e retirar os comunistas de seus governos. Sob pressão dos EUA, os comunistas foram expulsos dos governos da França e da Itália e, em abril de 1948, 16 países assinaram o Plano Marshall para fornecer-lhes US \$ 17 bilhões em ajuda durante 1948-1952.²⁰(АлександрШубин, 2008)

Conforme disse Vizentini (2005), a ajuda estadunidense, que já havia sido usada como instrumento de chantagem em eleições europeias, foi condicionada à expulsão dos comunistas dos governos de coalizões ocidentais, sobretudo na França e Itália, onde estes constituíam os

desencadeado uma guerra com sua teoria sobre raça, afirmando que somente as nações de língua inglesa são nações superiores, e que são chamadas a decidir os destinos de todo o mundo (...)

¹⁹ George Marshall was an American statesman and soldier who served as the Chief of Staff of the United States Army under two U.S. Presidents. During his long and illustrious career, he also served as Secretary of State, and then Secretary of Defense, under President Harry S. Truman. (Historical Office – Office of the Secretary of Defense. George C. Marshall)

²⁰“США

европейцы должны были сохранить капиталистические отношения и вывести коммунистов из своих правительств.

Под давлением США коммунисты исключили из правительств Франции и Италии, и в апреле 1948 года 16 стран подписали план Маршалла о предоставлении им помощи в 17 миллиардов долларов в 1948–1952”.

partidos mais fortes. Após a expulsão dos PCs²¹ ocidentais dos governos, os fatos se sucederam como numa avalanche.

Em 1948, especificamente, os aliados ocidentais realizaram uma reforma econômica na área controlada na Alemanha, visando, com isso, integrá-la à Europa Ocidental. Isso fez com que Berlim passasse a constituir uma ameaça econômica a zona de ocupação soviética que já se encontrava desgastada. Segundo Vizentini (2005), Stalin respondeu ao desafio decretando o bloqueio terrestre de Berlim Ocidental, esperando que os EUA recusassem em sua política na Alemanha. No período correspondente a essa primeira crise de Berlim, a cidade foi abastecida por uma ponte aérea por quase um ano. Os soviéticos acabaram levantando o bloqueio, perante o seu fracasso, o bloqueio de Berlim foi intensamente explorado pela propaganda estadunidense. Particularmente, nesse caso, Truman foi bem-sucedido, pois o indício de um comunismo agressivo representou um valioso instrumento para desmobilizar a opinião pública ocidental. Grande exemplo disso foi a Escandinávia, que se encaminhava para uma política neutra, mas acabou voltando-se para os EUA.

Para Stálin, as potências ocidentais perderam o direito de acesso porque estavam rompendo o arcabouço do pós-guerra de uma Alemanha unificada. A mídia ocidental censurou a crueldade brutal do bloqueio de Berlim pelos soviéticos, acusando-os de tentar matar de fome os cidadãos dos setores ocidentais. No entanto, ao contrário dessa visão amplamente difundida, os soviéticos garantiram aos berlinenses ocidentais acesso à comida e ao carvão do setor oriental ou a partir das provisões soviéticas. Os analistas do serviço norte-americano de inteligência militar confirmaram isso relatando, em outubro, que o “bloqueio rodoviário, ferroviário e de água de Berlim não constituiu um bloqueio econômico completo”. O que a maioria das pessoas se lembram, porém, é de que, nos onze meses seguintes, numa manobra defensiva heróica contra a agressão soviética, a ponte aérea para Berlim, organizada pelo general Curtis LeMay, levou comida e combustível para 2,2 milhões de pessoas, numa cidade sitiada. (STONE e KUZNICK, 2015, p.165).

Em resposta ao Plano Marshall, conforme explicitado por АлександрШубин (2008), em janeiro de 1949, a maioria dos países da Europa Oriental fundiu-se em uma união econômica – O Conselho de Assistência Econômica Mútua. Segundo Ribeiro (1974), O Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON) foi criado em janeiro de 1949, no leste europeu, tendo como membros fundadores a União Soviética, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polônia e Romênia, para robustecer a cooperação entre os países de economia socialista. A proposta de criação do conselho foi feita a Josef Stalin pelo líder romeno GheorgheGheorghiu-Dej, que, ansiando por uma ampliação industrial em seu país, idealizou

²¹ Partidos Comunistas.

um sistema de integração entre as repúblicas populares para tornar possível um maior intercâmbio comercial e tecnológico entre elas.

Desde a sua origem, as decisões foram pautadas na igualdade entre os membros. Apesar da URSS possuir cerca de 88% do território da Organização, bem como 70% da economia, o princípio da isonomia era basilar nas sessões, não se caracterizando um autoritarismo. Assim sendo, a influência soviética propulsora da reestruturação pode ser interpretada como conveniente ao estabelecimento do regime os países aliados.

Posteriormente, segundo Ribeiro (1974), mesmo que todos os países buscassem a integração, este sonho se tornava cada vez mais distante, já que grande parte dos membros estavam preocupados em consolidar os próprios planos econômicos nacionais, tendo em vista o grande conjunto de nações subdesenvolvidas que compunham o Conselho. A partir disso, pode-se notar uma grande assimetria, com destaque para as esferas econômicas e geográficas. Por conseguinte, eram observados muitos contrastes na divisão internacional do trabalho entre as nações, principalmente com Estados geograficamente mais distintos, como Cuba.

No mesmo ano da criação do COMECON, os Estados Unidos, o Canadá e a maioria dos países da Europa Ocidental criaram uma aliança militar, a OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte – que segundo Vizontini (2005), serviria para perpetuar, intensificar e legalizar a presença militar americana no continente europeu. Também, segundo o autor supracitado, a utilização de um “comunismo agressivo”, que já foi descrito anteriormente, serviu de instrumento para desmobilizar a opinião pública ocidental e como resultado disso a Noruega, Dinamarca e Islândia ingressarão na OTAN.

A partir dessa análise, tornou-se claro que havia uma forma maniqueísta de analisar a Guerra Fria e esse método partia dos Estados Unidos. Conforme dito Vizontini (2005), a Guerra Fria possuía uma racionalidade muito clara, pois permitia aos Estados Unidos manter o controle político e a primazia econômica tanto sobre seus aliados industriais europeus, como sobre a periferia subdesenvolvida, mais especificamente na América Latina e na Ásia Oriental, como também através dos aliados europeus na África e no Oriente Médio. Manipulando a ideia de uma ameaça externa, Washington obtinha a unidade do mundo capitalista e influenciava-o contra a União Soviética e os movimentos nacionalistas e de esquerda emergidos da Segunda Guerra Mundial (tanto metropolitanos como coloniais). Entretanto, a URSS era relativamente “domesticada” como ator internacional, cuja presença no sistema internacional como a outra superpotência legitimava um novo desenho estratégico que rebaixava o *status* das potências médias europeias dentro da aliança transatlântica.

Na análise de Smith, quando a Rússia estende sua zona de segurança ao exterior, isto exige quase inevitavelmente uma agitação do *status quo*, que é capitalista, o que significa não pouco barulho e cenas vis. Se os Estados Unidos estende sua zona de influência ao exterior, meios utilizados pelo mesmo durante a Guerra Fria, pela mesma razão isto implica somente o sustento desse *status quo*: nada de cena, nada de barulho (Citado em Horowitz, 1973, v.1,p.93)

Como solução desse impasse midiático para desmobilizar a opinião pública Vizentni (2005) ressalva que era preciso lançar mão de poderosos mitos e imagens, que desarticulassem esse pensamento e condicionasse a população mundial a uma visão maniqueísta da Guerra Fria. A “ameaça soviética” e a “defesa do mundo livre”, tornaram-se, portanto, esses mitos mobilizadores e legitimadores da nascente Guerra Fria.

2.3 Das divergências a tentativa de coexistência pacífica (1950 – 1962)

Outro fato de relevante significância para o desenrolar dos conflitos referentes a Guerra Fria foi que no final de 1949 a China, o maior e mais populoso país do mundo, tornou-se comunista, trazendo assim uma grande mudança para o Cenário Internacional, principalmente para o que concerne a Ásia. Segundo Stone e Kuznick (2015), Quando Mao Tsé-Tung derrotou as forças nacionalistas corruptas de Chiang Kai-Shek, eclodiu a revolução que foi descrita como a mais importante desde a derrubada do czar, na Rússia, em 1917. A revista *Time* alertou a respeito da “Onda vermelha que ameaça engolfar o mundo” descrevendo assim a expansão comunista na Ásia. A revista *Life* escreveu “A queda da China coloca os Estados Unidos em perigo. Os Estadunidenses não acataram cordialmente essa situação e a culpa recaiu prioritariamente sobre Moscou.

Indignado, como se a derrota dos nacionalistas corruptos não tivesse sido antecipada, o lobby conservador da China nos Estados Unidos não só culpou a União Soviética, os democratas, os especialistas em China do Departamento do Estado, mas também o secretário de Estado, George Marshall. Eram acusações falsas. Ao subordinar a revolução mundial às suas preocupações de segurança imediatas, os soviéticos forneceram ajuda mínima aos revolucionários chineses e pouco incentivo. Enfim, em fevereiro de 1950, Stálin firmou uma aliança com Mao, mas incitou o radicalizado líder chinês a manter relações cordiais com os Estados Unidos. Os dois lados fizeram declarações exageradas um contra o outro, mas o compromisso chinês com a mudança revolucionária e a recusa norte-americana de reconhecer a legitimidade do novo governo com um assento nas Nações Unidas, enquanto reconhecia países chefiados por ditadores, condenou quaisquer iniciativas de paz. (STONE e KUZNICK, 2015, p.167 e 168).

Com essa posição é perceptível que as mudanças no Sistema Internacional que afetavam diretamente os Estados Unidos ou o próprio sistema capitalista em si, recaía sobre a URSS, isso pode ser analisado, também, como uma grande tentativa do país capitalista atribuir culpa aos soviéticos da expansão socialista no Cenário Internacional.

A partir de 1950 e posterior a criação do COMECON pela União Soviética e da OTAN pelos Estados Unidos, a Guerra Fria se encontrava em um grande impasse, fato esse dado pela grande resistência dos dois blocos. Mesmo com a grande pressão sofrida pela URSS, a mesma sempre tentava revidar de maneira igualitária, os líderes europeus perceberam a não desistência soviética e passaram a tentar resolver os conflitos por meio de negociações, é o que destaca Vizentini:

A Guerra Fria chegava a um impasse, e muitos líderes europeus, como Churchill, pediram então negociação para atenuar o conflito, já que apenas ameaçar e pressões econômico-militares não haviam sido suficientes para derrotar o socialismo real.(VIZENTINI, 2005)

Essa rivalidade crescente entre os dois blocos resultaram uma tentativa de criação de armas mais potentes e com um poder de abrangência maior pelos dois blocos. Os Estados Unidos já detinham a bomba nuclear, caso que foi demonstrado com o fim da Segunda Guerra Mundial ao lançar bombas nucleares sob Hiroshima e Nagasaki, momento esse em que segundo Mourão (2015), o Departamento de Estado estadunidense alegava que o lançamento de um ataque nuclear a essas cidades japonesas evitaria a morte de milhares de cidadãos estadunidenses no caso de uma invasão ao território japonês. Ressalte-se que essa alegação foi sempre utilizada durante toda a presidência de Truman, que afirmava que a destruição de Hiroshima e Nagasaki havia salvado 200 mil vidas humanas. Entretanto, com o fim da II Guerra Mundial e com o desenrolar da Guerra Fria ficou perceptível a inverdade desta narrativa. Conforme explicitado por Mourão (2015), estudos recentes desmentem essa tese e revelam que a destruição tinha por objetivo impressionar os soviéticos, impedindo o avanço das suas tropas e sendo um dos fatos desencadeadores da Guerra Fria.

Mesmo com a demonstração de força estadunidense e com seu poderio nuclear a margem de qualquer outro Estado do Sistema Internacional, a União Soviética procurou alcançar a excelência estadunidense, o que gerou a corrida armamentista que era baseada em ambos os blocos estarem equiparados, em relação ao outro, referente ao armamento de alto calibre que poderia vir a ser usado em um possível enfrentamento direto entre as duas potências. Em relação a essa temática, porém, há uma discordância, principalmente no que tange ao desenvolvimento do armamento nuclear soviético, isso porque, conforme análise de Weiland (2014), os soviéticos só desenvolveram armas nucleares no início de 1960. Vale

ressaltar que esse é um apontamento advindo de um autor estadunidense e que também se baseia em obras estadunidenses. Entretanto, ao analisar a perspectiva de um estudioso russo, o mesmo relata que ao final de 1949 os soviéticos já testavam sua primeira bomba atômica, contrariando assim a análise estadunidense do ocorrido, “A criação de armas atômicas na URSS era uma questão de tempo, mas desta vez não, então os dados de inteligência eram de grande importância. Em 1949, a URSS testou sua própria bomba atômica.”²²(АлександрШубин, 2008.)

Esse não foi o único caso em que os Estados Unidos declararam um fato à respeito da União soviética erroneamente, seja por engano ou por intuito de dirimir o Estado perante o Sistema Internacional, acontece que próximo ao fim da Guerra Fria, durante o lançamento da Perestroika²³ por parte da URSS o Ocidente em geral e o próprio Estados Unidos pautaram sua explicação em um erro à respeito do programa e o difundiram.

No Ocidente há diversas interpretações da perestroika, inclusive nos EUA. Existe o ponto de vista de que foi necessária devido ao estado desastroso da economia soviética e que significa o desencanto com o socialismo e uma crise de seus ideais e fins últimos. Nada poderia estar mais longe da verdade, sejam quais forem os motivos ocultos da tal interpretação. (GORBACHEV, 1987, p. 9).

Esses fatos denotam que durante toda a Guerra Fria, ou pelo menos uma parte considerável da mesma, os Estados se utilizaram da divulgação de fatos errôneos acerca da URSS para que com isso ganhasse vantagem ou, até mesmo, o carisma de alguns Estados do Sistema Internacional.

Em relação à corrida armamentista, em 1952, segundo АлександрШубин (2008), Os Estados Unidos experimentaram um dispositivo termonuclear no qual uma bomba atômica desempenhava o papel de um fusível, e o poder era bem maior do que o da própria bomba atômica. No ano seguinte, em 1953, a URSS testou a mesma bomba termonuclear. Desde esse momento, os EUA antes dos anos 60 ultrapassaram a URSS apenas no número de bombas e bombardeios, isto é, quantitativamente, mas qualitativamente a URSS possuía as mesmas armas que os Estados unidos.

Posteriormente, sob a ótica de Vizentini (2005), Houve um breve relaxamento entre as duas superpotências no Hemisfério Norte, e isso foi devido ao estabelecimento de

²²“Создание атомного оружия в СССР было вопросом времени, но этого времени не было, поэтому данные разведки имели большое значение. В 1949 г. СССР испытал собственную атомную бомбу”

²³ O objetivo deste trabalho é criar um mecanismo econômico adequado ao desenvolvimento do socialismo. Um marco importante nessa direção consiste no experimento econômico em larga escala na indústria. Sua principal tarefa é encontrar formas de melhorar significativamente a autonomia, aumentando a independência econômica das empresas, enquanto amplia sua responsabilidade pelos resultados finais. (GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, p. 92)

coexistência pacífica entre os dois Estados e a desestalinização. Entretanto esse breve período de tempo chegou ao fim com o rearmamento da RFA²⁴.

A Alemanha, naquele momento, estava oficialmente dividida, e, em troca de sua ajuda externa, os Estados Unidos militarizariam, por meio da OTAN, a França, a Inglaterra, a Itália e a Alemanha, e em tempos depois, colocariam armas nucleares em solo alemão. De fato, os Estados Unidos estavam proclamando a Europa Ocidental a primeira linha de defesa e possível plataforma de lançamento da Terceira Guerra Mundial.(STONE e KUZNICK, 2015 p.165)

Houve também a integração da Alemanha à OTAN, revivendo, assim, velhos temores soviéticos, que a partir disso, segundo Vizontini (2005), reagiram organizando com a Polônia, Alemanha Oriental e Tchecoslováquia, Hungria, Romênia e Bulgária, o Pacto de Varsóvia²⁵, no ano de 1955, ou seja, seis anos após a criação da OTAN, desse modo, analisa-se que ao contrário da versão corrente, a aliança militar soviética não foi uma resposta imediata ou tardia à aliança atlântica, mas sim, uma resposta à incorporação da Alemanha rearmada

Analisando a partir desses fatos ocorridos nessa segunda metade da Guerra Fria, segundo Vizontini (2005), a União Soviética de Kruchev, por mais que tenha sido marcada pelo desconcertante voluntarismo do supracitado, na segunda metade dos anos 50 passou realmente a desenvolver uma política de âmbito mundial. O país se recuperou, no âmbito demográfico e econômico, do infortúnio sofrido na II Guerra Mundial, atingiu um certo equilíbrio nuclear na Europa, ultrapassou os Estados Unidos na corrida espacial, quando lançou o primeiro satélite artificial denominado de “o Sputnik” no ano de 1957 e, também, ao colocar o primeiro homem em órbita, o cosmonauta soviético, Yuri Alekseevitch Gagarin

Moscou superara a fase em que a extrema vulnerabilidade do país reforçava ainda mais a postura reativa e defensiva de Stálin nas Relações Internacionais. Kruchev implementou, ainda que com muitas deficiências, uma diplomacia realmente mundial, com programas de ajuda ao nacionalismo do Terceiro Mundo (embora modesto). A URSS percebia-se como potência e, nos marcos da coexistência pacífica, propunha-se a ultrapassar economicamente os EUA em pouco tempo.(VIZENTINI, 2005)

Durante o mandato de Eisenhower²⁶, segundo Vizontini(2005), os oito anos do mandato do mesmo foi caracterizado por sua atitude de confrontação com os soviéticos no

²⁴República Federal da Alemanha ou Alemanha Ocidental

²⁵Em 14 de maio de 1955, foi assinado um tratado na cidade de Varsóvia, capital da Polônia, que firmou a aliança militar entre os países socialistas do leste europeu chamada de Pacto de Varsóvia.

²⁶Dwight David Eisenhower foi o 34º Presidente dos Estados Unidos durante 1953 até 1961. Anteriormente, ele foi um general de cinco estrelas do Exército estadunidense. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele serviu como o Comandante Supremo das Forças Aliadas na Europa. Ele assumiu a responsabilidade de comandar e supervisionar a invasão do Norte da África durante a Operação Tocha entre 1942 e 1943. Logo depois ele assumiu o planejamento da invasão da França e da Alemanha entre 1944 e 1945, no Fronte Ocidental. Em 1951, ele se tornou o primeiro comandante supremo da OTAN. também foi Chefe do Estado-Maior do Presidente Harry S. Truman, antes de assumir a presidência da Universidade Columbia. (Jean Edward Smith, Eisenhower in War and Peace, 2012, p. 451).

Terceiro Mundo, entretanto, também foi notório, durante seu governo, o enfraquecimento da liderança estadunidense, entretanto, após o fim do seu mandato e a ascensão de Kennedy²⁷ ao poder no ano de 1961 houve alterações em vários âmbitos, tanto no interno, quanto no internacional. Um dos fatos mais notórios que são destacados por Vizentini (2005), é a autorização para a construção de vários porta-aviões nucleares e uma imposição maior da OTAN na Europa e ao mesmo tempo se impões mais em relação aos problemas decorrentes da divisão da Alemanha, em resposta a essas tomadas de decisões no âmbito internacional, o Kremlin atendeu a uma antiga reivindicação da Alemanha Oriental (socialista), que seria controlar a fronteira de Berlim Ocidental, a partir desses desentendimentos entre Washington e Moscou houve a criação do Muro de Berlim em 13 de agosto de 1961.

Na primeira reunião com o novo presidente americano em abril de 1961, Khrushchev exigiu mudar o status de Berlim Ocidental. Berlim foi usada para o trabalho dos serviços secretos ocidentais, através do seu território houve um intercâmbio cultural incontrolável pelos comunistas. As pessoas quase podiam atravessar livremente a fronteira entre os "dois mundos". Isso levou a uma "fuga de cérebros" - os especialistas que receberam educação barata na RDA fugiram para Berlim Ocidental, onde seu trabalho era mais bem remunerado.²⁸(АлександрШубин, 2008)

A partir dessa análise é perceptível a preocupação do Kremlin na Alemanha, pois os investimentos feito no país não tinham retorno exatamente por esse tipo de “fuga de cérebros”. Outro fato que deve ser ressaltado, também, segundo Vizentini (2005), é que durante uma década o enclave de Berlim Ocidental recebeu mais investimentos públicos e ajuda estadunidense que toda a América Latina, criando, desse modo, um contraste favorável ao capitalismo no confronto entre os dois sistemas (socialismo e capitalismo) existentes dentro da mesma Alemanha.

A Alemanha Oriental conseguiu, desta forma, deter o êxodo da classe média especializada que abandonava o país desde o “milagre” alemão-ocidental. A RDA²⁹, então, logrou êxitos econômico-sociais surpreendentes.(VIZENTINI, 2005)

²⁷Eleito no ano de 1960, Kennedy tornou-se o segundo mais jovem presidente do seu país, depois de Theodore Roosevelt. Ele foi presidente de 1961 até o seu assassinato em 1963. Durante o seu governo houve a Invasão da Baía dos Porcos, a Crise dos mísseis de Cuba, a construção do Muro de Berlim, o início da Corrida espacial, a consolidação do Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos e os primeiros eventos da Guerra do Vietnã. (Vida e pensamento de Kennedy: uma antologia de textos. História de Hoje, 1964).

²⁸Напервойжевстрече с новымамериканскимпрезидентом в апреле 1961 ХрущевпотребовализменитьстатусЗападногоБерлина. Берлиниспользовалсядляработызападныхразведок, черезеготерриториюшелнеконтролируемыйкоммунистамикультурныйобмен.

Люди могли почти беспрепятственно переходить через границу между «двумя мирами». Это приводило к «утечке мозгов» – получившие дешёвое образование в ГДР специалисты затем бежали в Западный Берлин, где их работало лучше оплачивалась.

²⁹Alemanha Oriental (Socialista)

Posteriormente, um fato histórico de grande importância para o desenrolar da Guerra Fria foi a crise dos mísseis que teve todo um processo iniciado em Cuba. Segundo Sader (2001), a revolução cubana que ocorreu em 1959 liderada por Fidel e que posteriormente viria proclamar Cuba como um Estado socialista foi de grande importância para o bloco soviético. Os embargos e bloqueios estadunidenses serviram de incentivo para a instalação de mísseis na ilha caribenha. Vizentini (2005) argumenta que o estabelecimento de um regime de orientação marxista-leninista muito próximo ao território estadunidense levou a esse país ampliar o bloqueio econômico da ilha.

Vale ressaltar que a definição Cubana pelo socialismo deixou o presidente Kruchev numa situação delicada, pois como afirma Vizentini (2005), o reconhecimento de tal *status* implicava estender a área de influência soviética a uma região de grande importância para Washington. Entretanto, essa situação proporcionava condições de reação por parte do voluntarismo krucheviano, que havia sofrido forte revés quando satélites e aviões espões estadunidenses tinham monitorado áreas soviéticas. Além disso, o líder soviético tinha ciência do alcance dos mísseis estadunidenses, que seria de fácil alcance em relação ao território que os Estados Unidos dominavam na Europa. Diferentemente da posição soviética em relação aos Estados Unidos, esse fato também foi um forte influenciador na perspectiva de Kruchev em apoiar Cuba como Estado Socialista.

A União Soviética estava cercada por todos os lados por bases militares dos EUA nas quais as armas nucleares estavam localizadas. Descansando na Criméia, Khrushchev chamou a atenção para o fato de que até mesmo sua praia está ao alcance dos mísseis americanos na Turquia. O líder soviético decidiu colocar a América na mesma posição. Aproveitando o fato de que os líderes cubanos pediram repetidamente à URSS que os protegesse de um possível ataque dos EUA, a liderança soviética decidiu instalar mísseis nucleares de médio alcance em Cuba. Agora, qualquer cidade nos EUA poderia ser varrida da face da terra em questão de minutos. Em outubro de 1962, isso levou à crise do Caribe.³⁰(АлександрШубин, 2008)

Foi somente no mês de abril de 1962 que Moscou reconheceu a ilha caribenha como um regime socialista, iniciando, posteriormente a esse reconhecimento a instalação secreta de mísseis de alcance médio na ilha, segundo Vizentini (2005), a instalação dos mísseis supracitados tinham o objetivo de garantir a defesa soviética durante a Guerra Fria e

³⁰ СоветскийСоюзбылсовсехсторонокруженаамериканскимивоеннымибазами, накоторыхнаходилосьядерноеоружие. Отдыхая в Крыму, Хрущевобратилвнимание, чтодажегопляжнаходится в пределахпрямойдосягаемостиамериканскихракет в Турции. СоветскийлидеррешилпоставитьАмерику в такоежеположение. Пользуясьтем, чтокубинскиелидерынеоднократнопросили СССР защититихотвозможногонападения США, советскоеруководствопринялорешениеустановитьнаКубедерньеракетывсреднегорациусадействия. Теперьлюбойгород США могбытьстерт с лицаземли в считанныеминуты. В октябре 1962 этопривело к Карибскому кризису.

compensar o equilíbrio que atualmente estava desfavorável para os soviéticos. Com isso, Kruchev esperava criar um fato consumado para os Estados Unidos, mas no dia 22 de outubro, poucos dias após detectar a presença desses mísseis instalados na ilha, o presidente Kennedy decretou o bloqueio naval a Cuba e exigiu a retirada imediata deles.

O impasse gerou uma tensão internacional extrema, temendo-se o desencadeamento da Terceira Guerra Mundial, de caráter nuclear. Kruchev vacilou ante a determinação americana e, no dia 25, enviou mensagem aceitando retirar os mísseis, sob supervisão da ONU, em troca do compromisso dos EUA em não invadir Cuba novamente. Dois dias depois fez uma exigência suplementar, a retirada dos mísseis americanos da Turquia, em troca do compromisso soviético de não invadir aquele país. Kennedy ignorou a segunda proposta e aceitou a primeira. Sem alternativas, o Kremlin recuou e acatou os termos da Casa Branca, sofrendo uma humilhação, apesar da sobrevivência do regime cubano. (VIZENTINI, 2005)

Conforme afirmação de Vizentini (2005), embora alguns analistas discorrem que esse caso resultou numa derrota para o Kremlin, as duas superpotências, a partir desse fato, estabeleceram contatos diretos e até uma tentativa de coexistência pacífica. Essa situação, segundo Vizentini (2005), foi expressa em atos como a assinatura do Tratado de Não-Proliferação Nuclear³¹ que institucionalizava a primazia das duas grandes potências, em detrimento das potências médias e emergentes.

Por fim, faz-se necessário enfatizar que os conflitos gerados no Terceiro Mundo, na fase corresponde a análise desse artigo, como nas seguintes, não eram criados pela União Soviética ou pelos Estados Unidos, mas sim, manipulados e realocados para o grande jogo estratégico. Nessa situação, os países periféricos tinham certa autonomia, já que podiam barganhar seus interesses e muitas vezes até forçavam as ações da superpotência no Cenário Internacional (ver relação entre Israel e Estados Unidos).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise feita acerca dos acontecimentos da Guerra Fria referentes aos anos de 1945 a 1962, partindo de uma perspectiva singular de análise das relações estabelecidas entre as duas potências dominantes no Cenário Internacional, o presente artigo busca atentar-se apenas à análise soviética dos fatos, e não se detendo de forma geral a comparações dos pontos de vistas dos dois blocos rivais. Também é perceptível analisar a falta de influência soviética no mundo ocidental, primordialmente porque os Estados Unidos se utilizavam de

³¹ Widely known as the world's "Atoms for Peace" organization within the United Nations family, the IAEA is the international centre for cooperation in the nuclear field. The Agency works with its Member States and multiple partners worldwide to promote the safe, secure and peaceful use of nuclear technologies.

publicidades e propagandas para disseminar uma visão agressiva da URSS. A partir dessas problemáticas, têm-se como resultado uma falta de legitimidade soviética ao relatar acontecimentos da Guerra Fria, gerando assim uma escassez desse estudo no mundo Ocidental, vale ressaltar também que isso advém de uma grande influência estadunidense no Ocidente, gerando, assim, uma problemática relacionada a falta de comparação dos pontos de vistas na análise do conflito, visto que há uma quantidade insuficiente de investigação acadêmica pautada na ótica soviética da Guerra Fria.

A Guerra Fria foi um fenômeno que reestruturou o sistema internacional e é tido como criador de várias dicotomias no âmbito internacional, político e acadêmico. Alguns autores colocam os Estados Unidos como grandes vitoriosos da guerra, com ressalvas, esses autores são majoritariamente ocidentais e responsáveis por manter o status quo, entretanto, a tentativa do presente trabalho é revisar a guerra supracitada na ótica dos "perdedores" (soviéticos).

Dessa forma, a análise desse tema é de grande relevância, pois muito do que se tem conhecimento acerca da guerra fria é consequência direta ou indiretamente da produção acadêmica e midiática estadunidense, e deve-se haver uma reavaliação da Guerra Fria levando em conta questões fundamentais do país que saiu "perdedor" dessa guerra.

É importante ressaltar que há vários equívocos em relação ao desencadeamento e o decurso da Guerra Fria, entretanto, um dos mais recorrentes é ressaltar que os Estados Unidos entraram na Guerra Fria para reagir ao expansionismo soviético, contudo, os interesses dos Estados Unidos eram bem diferentes do propagados pelo próprio país.

Ainda hoje, há o equívoco fundamental de que os Estados entraram na Guerra Fria reagindo à agressão soviética em todo o mundo. Sem dúvida, a liderança soviética impôs ditaduras repressivas e, quando desafiadas, brutais, na Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Alemanha Oriental, Albânia e Tchecoslováquia. No entanto, também é claro que os soviéticos estavam inicialmente dispostos a aceitar governos amistosos a eles nesses países, até o Ocidente começar a ameaçar tanto a ideologia como a segurança soviética. (STONE; KUZNICK, 2015, p.169)

A partir dessas análises é perceptível o posicionamento estadunidense acerca da Guerra Fria e de como o próprio país se utilizou de meios midiáticos e acadêmicos para difundir seu posicionamento, outro fato que merece destaque para elucidar a importância dessa análise é a observação da frase proferida por Krushev “Nós vamos enterrar vocês” que segundo Gorbachev 1987, teve grande repercussão no ocidente de forma errônea.

Provavelmente, entre todas as declarações públicas de líderes soviéticos, a mais citada e distorcida no Ocidente é a de Nikita Krushev, zangado: “Nós vamos enterrar vocês!” É importante, para a compreensão dos leitores, que nos lembremos dos acalorados debates travados entre especialistas em agricultura e cientistas, aos fins dos anos 20 e começo dos anos 30 debates que foram descritos, com amarga ironia, como uma disputa sobre “quem enterraria quem”. A frase de Krushev, inspirada nesses debates, foi absolutamente infeliz, sob qualquer aspecto segundo o qual possamos analisá-la, mas deve ser entendida apenas em seu contexto original e jamais tomada literalmente. Krushev referia-se à competição entre os dois sistemas e desejava mostrar que o socialismo não teme qualquer comparação com o capitalismo e que não há dúvida que o futuro pertencerá ao socialismo. Krushev era um homem emocional e ressentia-se pessoalmente do fato de que suas propostas e esforços no sentido de tornar mais clara a situação internacional esbarrassem sempre em uma sólida muralha de incompreensão e resistência. (GORBACHEV, 1987, p. 174).

É válido ressaltar que um dos principais objetivos do artigo é a tentativa de dar meios e possibilitar a academia a ter acesso aos dois pontos de vista – soviético e estadunidense – em relação à Guerra Fria, como também, reavaliar alguns equívocos estadunidenses durante a fase da Guerra supracitada, esses desacertos, geralmente, foram propositais, como descritos ao longo do artigo e geralmente tinham o intuito de criar uma visão negativa da União Soviética, ocasionando, desse modo, um enfraquecimento soviético na Europa por falta de apoio dos países daquele continente.

Em suma, vale ressaltar a importância do entendimento da análise de uma perspectiva marginalizada nas Relações Internacionais, principalmente porque a supremacia de análise e estudos acerca da Guerra Fria é advinda dos Estados Unidos ou de analistas que compactuam com sua perspectiva, afetando, desse modo, uma análise imparcial, já que a perspectiva soviética não é tão utilizada no Ocidente para estudos acerca da Guerra Fria.

ABSTRACT

The present article seeks to make an introductory analysis about the Cold War in the period referring to 1945-1962 in the light of the Soviet narrative, also seeking to highlight its importance for the development and analysis of the International System in the period of the Cold War. Thus, this work has as its general objective to present the events of the Cold War in chronological line from the Soviet perspective, demonstrating the importance of analyzing this conflict from a view other than the US', in order to understand how this unilateral analysis of the conflict may have generated misunderstandings for the International System on the Soviet Union. It seeks to achieve the following specific objectives: (i) to point out the events in chronological order of the Cold War from 1945; (ii) to examine the suspicions and inconsonances of the Soviet perspective of the aforementioned conflict and (iii) to present the modifications from the Soviet point of view of the events of the Cold War from the period between 1945 and 1962. In an exploratory view, with a deductive method and from the textual, thematic and interpretative analysis, the research stems from a methodology centered on bibliographical revision, therefore, theoretical-bibliographical, with views in both periodicals and primary sources.

Keywords: Soviet Union. Cold War. International Conflict

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, César Augusto Rodrigues Dias. **Perestroika Em Curso: Uma Análise da Evolução do Pensamento Político e Econômico de Gorbachev (1984-1991)**. São Paulo (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2015.

Dicionário Houaiss. Verbete: "quinta-coluna".

FERRELL, Robert H. (1994). **Harry S. Truman: A Life**. Columbia: University of Missouri Press.

GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika – Novas Ideias Para o Meu País e o Mundo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1988.

GORBACHEV, Mikhail S. *Izbrannyerechi i stat'i* [“**Discursos e Artigos Seleccionados**”]. Moscou: Izdatel'stvopoliticheskoi literatury, 1987-1990, 5 vols. Disponível em: <<http://rutracker.org/forum/viewtopic.php?t=1960671>>. Acesso em 8 abril 2018.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos**. 1ª Ed., São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

HOROWITZ, David. **De Yalta au Vietnam**. Paris: Union Générale D'Éditions, 1973. 2 vols.

Historical Office – Office of the Secretary of Defense. George C. Marshall. Disponível em: <<http://history.defense.gov/Multimedia/Biographies/Article-View/Article/571266/george-c-marshall/>>. Acesso em 11 abril 2018.

LODGE, Guy. **Clement Attlee: “the enigma of British 20th-century history”**. Disponível em: <<https://goo.gl/Qozq3c>>. Acesso em 6 abril 2018.

MALULY, Vinícius. Organização do Tratado do Atlântico Norte Vs Pacto de Varsóvia. Disponível em: <<http://site.internationali.com.br/images/mib/crise.pdf>>. Acesso em 8 abril 2018.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Hiroshima e Nagasaki: razões para experimentar a nova arma**. *Sci. stud.*, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 683-710, Dec. 2005.

NELSEN, John T. General George C. Marshall: Strategic Leadership and the Challenges of Reconstituting the Army, 1939-41. Disponível em: <<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdf/files/pub358.pdf>>. Acesso em 9 abril 2018.

OCAÑA, Juan Carlos. **Guerra Fría: A Partir de Los Discursos de Sus Protagonistas**. Disponível em: <<http://ww2.educarchile.cl/UserFiles/P0001/File/guerra%20fria%20protagonistas.pdf>>. Acesso em 6 abril 2018.

ONU. **IAEA – International Atomic Energy Agency**. Disponível em: <<https://www.iaea.org/about>>. Acesso em 10 abril 2018.

ORWELL, George. **1984**. 29a ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

RHODES, Richard. **The Making of the Atomic Bomb**, Newsweek, 11 de novembro de 1963.

RIBEIRO, Sérgio. **O COMECON**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

RODRIGUES, Luís Nuno. **Franklin Roosevelt e os Açores nas Duas Guerras Mundiais**. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2008.

SADER, Emir. **Cuba Um Socialismo Em Construção**. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2001.

SMITH, Jean Edward, **Eisenhower in War and Peace** (2012).

STONE, Oliver. KUZNICK, Peter. **A História Não Contada dos Estados Unidos**. São Paulo: Faro Editorial, 2015.

SZOBI, Pavel. A Checoslováquia e o conselho para assistência económica mútua na política externa da União Soviética após a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/35381/1/RPH45_artigo18.pdf>. Acesso em 8 abril 2018.

The Churchill Centre. **The Life of Winston Churchill**. Disponível em: <<http://winstonchurchill.org/wp-content/uploads/2016/06/churchillbooklet.pdf>>. Acesso em 6 abril 2018.

VASCONCELLOS, Carlos-Magno Esteves. MANSANI, Roberta de Souza. **As Conferências Internacionais de Yalta e Potsdam e Sua Contribuição à Construção da Hegemonia Econômica Internacional Norte Americana no Capitalismo do pós 2ª Guerra Mundial.** *Relações Internacionais no Mundo Atual*, v. 2, n. 18. Curitiba: Unicuritiba, 2013.

Vida e pensamento de Kennedy: uma antologia de textos. *História de Hoje*, v. 2. Editora Moraes, 1964.

VICENTE, João Pedro. **Entendendo George Orwell A Estrutura das Comunicações de Massa no Romance 1984.** São Paulo (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Fernando Pessoa, 2005.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. “A Guerra Fria”. In: REIS FILHO, Daniel Araújo; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). *O século XX (Vol. 3). O tempos das crises: revoluções, fascismos e guerras.* 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 195-225.

Иван Грозный–Петр Первый–Иосиф Сталин. Disponível em: <<https://www.booksite.ru/localtxt/gra/nd/rus/sia/ns/7.htm>>. Acesso em 7 abril 2018.

Шубин, Александр. ХОЛОДНАЯ ВОЙНА – мировая конфронтация между двумя военно-политическими блоками в главе с СССР и США. Disponível em: <<http://files.school-collection.edu.ru/dlrstore/6651d22c-b363-d829-3e4c-16593b50a572/1010223A.htm>>. Acesso em 5 abril. 2019.